

A Teologia do Corpo de S. João Paulo II

O amor por que ansiamos

Amar outra pessoa e ser amado por essa pessoa, quem não o deseja? No entanto, nem sempre é assim tão simples. Homem e mulher têm duas necessidades infinitas de amor, mas duas capacidades limitadas para amar.

O que torna a relação com a pessoa amada bela e profunda? O que permite que a paixão se torne amor? O que dá permanência ao amor, ao casamento e à família? O que significa a relação física? O que pode tornar a sexualidade plena? E o que significa tudo isto para uma pessoa celibatária?

Estas são perguntas perenes sobre o amor. O padre polaco Karol Wojtyla (1920-2005) foi frequentemente interrogado por jovens, famílias e amigos. Ele próprio tinha o desejo de lhes falar sobre o amor e pediu-lhes que verificassem na sua própria experiência se as suas respostas eram verdadeiras. Pois ele tinha a certeza de que cada pessoa ouve um eco dentro de si quando encontra amor do qual pode dizer: é belo, corresponde ao meu desejo, foi para isto que fui feito.

Corporeidade e fé cristã

Karol Wojtyla foi eleito Papa em 1978 e tomou o nome de João Paulo II. A partir de 1979 falou sobre a vocação do homem para amar aos convidados de todo o mundo na Praça de São Pedro, em Roma, nas quartas-feiras. Sublinhou a bondade da sexualidade em 130 catequeses até 1984. Neles ele desdobrou o que chamou a sua "teologia do corpo", porque mostra como a corporeidade e a sexualidade ajudam o homem a conhecer-se a si próprio e a Deus. Concentrou-se na relação entre homem e mulher porque sabia que as questões relacionadas com eles exigiam uma resposta. Mas também convidou a uma teologia mais profunda do corpo em relação a toda a vida humana, incluindo, por exemplo, o sofrimento e a morte.

Para João Paulo II, o corpo é mais do que a totalidade das suas células, mais do que um objeto a ser utilizado ou abusado à vontade. Está inseparavelmente ligado ao espírito e à alma e por isso tem um significado espiritual e teológico: "O corpo, e só o corpo, é capaz de tornar visível o que é invisível: o espiritual e o divino" (Cat. 19:4). O corpo é um sinal do mistério de Deus. Podemos ver e tocar-lhe, aqui e agora, para abordar este mistério.

A corporalidade é também essencial noutros aspetos do cristianismo: o homem foi criado por Deus corporeamente. Em Cristo, Deus tomou um corpo humano, com o qual morreu pela nossa redenção. O homem, como Cristo, será ressuscitado com um corpo transfigurado. A grande importância da corporeidade não surpreende João Paulo II porque: "Pelo facto de o Verbo de Deus se ter feito carne, o corpo entrou, eu diria, pela porta principal na teologia, isto é, na ciência que tem por objecto a divindade". (Cat. 23:4)

Uma visão de amor

Deus não só criou o homem como unidade de corpo, mente e alma, mas também concebeu para ele uma forma de o amor poder alcançar a sua plenitude, tanto entre o homem e a mulher como entre o homem e Deus. Ambos os amores são caracterizados pelo desejo e capacidade de doação e aceitação mútuas, bem como pela transmissão da vida física ou espiritual. Este caminho, cujo objetivo último é a aproximação cada vez maior a Deus, a nossa santidade, passa pela rendição a um Vós, com a sua própria corporeidade. O homem pode escolher este caminho em liberdade. A fonte do amor humano é o amor de Deus, que recebemos em Cristo. É tão grande que não podemos compreendê-lo. A teologia do corpo quer alargar os nossos corações para que compreendamos a pessoa, o amor e a sexualidade como Deus os entende.

Para fazer emergir esta visão de amor, casamento e família, João Paulo II apresenta-nos a Sagrada Escritura e a Tradição da Igreja. Ele faz-nos descobrir como as Escrituras milenares falam, também aqui e agora, da presença de Deus e da nossa humanidade. Elas contam a história do amor entre Deus e nós, seres humanos.

As catequeses de quarta-feira, uma visão geral

As catequeses de João Paulo II de 1979 a 1984 consistem em duas partes, "As Palavras de Cristo" e "O Sacramento". A primeira parte contém declarações chave de Jesus em resposta às perguntas dos seus contemporâneos sobre o casamento e a sexualidade. A segunda explica a carta do Apóstolo Paulo aos cristãos efésios, o texto mais importante do Novo Testamento para a compreensão do casamento cristão.

As palavras de Cristo nos Evangelhos descrevem, antes de mais, a plenitude com que o homem foi originalmente criado por Deus. Esta perfeição sofreu uma ferida, ainda hoje perceptível, através do afastamento de Adão e Eva de Deus. De acordo com João Paulo II, a possibilidade de cura reside no significado esponsal do corpo humano. Ele refere-se à capacidade deste corpo de dar e receber amor, que também é essencial no celibato consagrado e na vida da alma imortal após a morte.

A Carta aos Efésios sublinha, por sua vez, que o casamento é uma vocação. Ou seja, é a resposta de um homem e de uma mulher ao chamamento de Deus. Como um sacramento, é um sinal da aliança de Deus com o homem e o dom da sua graça. Através da linguagem do corpo que lhes foi dada, os cônjuges podem viver o casamento através da sua corporeidade, para que a plenitude original da relação floresça novamente. O Cântico das Canções e o Livro de Tobit mostram-nos exemplos disso mesmo.

Finalmente, as catequeses de quarta-feira tratam de reflexões sobre as questões da vida familiar.

Estas catequeses são apresentadas em linhas gerais abaixo.

O homem no início da criação

Cristo foi posto à prova pelos fariseus com a pergunta: "É permitido a um homem repudiar sua mulher por qualquer motivo? (Mt 19,3) Era claro para eles que a indissolubilidade do casamento fazia parte dos mandamentos, mas também que Moisés tinha levantado o mandamento para alguns casos. A resposta de Cristo dirige a nossa atenção para o início da criação, descrita no livro bíblico do Génesis: "Deus criou o homem à sua própria imagem, à imagem de Deus o criou; criou-os homem e mulher. Abençoando-os, Deus disse-lhes: ,crescei e multiplicai-vos". (Gen 1:27-28). Jesus acrescenta: "Por isso o homem deixará o pai e a mãe para se unir à sua mulher, e os dois serão como uma só pessoa, de modo que não são dois mas um só. Portanto, não queiram os homens separar aquilo que Deus uniu" (Mc 10,7-9). Isto mostra que a unidade e indissolubilidade do casamento pertencem originalmente à criação de Deus e que o homem é a imagem de Deus, não só como indivíduo, mas especialmente em comunidade. Pois quando homem e mulher se entregam um ao outro, experimentam um antegosto da troca amorosa entre as três Pessoas divinas, Pai, Filho e Espírito Santo. Os cônjuges são chamados a comunicar esta experiência ao mundo através das suas vidas.

A criação original de Deus também envolve a experiência do primeiro ser humano, Adão, que ao contrário dos animais e plantas, vive numa solidão original, ou seja, como ser humano está sozinho e diretamente ordenado a Deus (cf. Gn 2:7 e 4:25). Ele está consciente da sua existência e da sua fisicalidade, capaz de se conhecer a si próprio e de escolher livremente o bem ou o mal. Adão anseia por companheirismo e reconhece em Eva, criado da sua costela, um ajudante dado por Deus, um parceiro igual. Ambos vivem em unidade original, chamados à fecundidade. São criados numa nudez original, ou seja, transparentes uns para os outros e para Deus. Adão e Eva complementam-se e formam uma comunhão de pessoas na qual se tornam um presente um para o outro através da sua condição de homem e mulher. Ao entregarem-se uns aos outros, descobrem o próprio significado da

sua corporeidade. João Paulo II chama-lhe o significado esponsal do corpo. Ainda hoje sentimos em nós o eco da beleza do "princípio", um estado de inocência original, marcado por uma intimidade sem limites entre as pessoas e com Deus.

João Paulo II mostra-nos até que ponto a nossa vida é marcada pela experiência de dar e ser dado. A criação de Deus é um sinal de um dom de amor puro. O homem recebe a si próprio, aos seus semelhantes e ao resto do mundo como um presente. Tudo isto brilha quando homem e mulher se dão e aceitam um ao outro. O significado esponsal do corpo é um conceito chave na teologia do corpo e vai para além da relação entre o homem e a mulher e para além da morte. Aponta para o facto de que "o homem, única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma, não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo". (*Gaudium et Spes* 24). Esta percepção percorre toda a série de catequeses.

O coração humano reconhece o bem

Quando um homem e uma mulher se entregam um ao outro, a sensualidade e o desejo são dirigidos para o bem de ambos. Por vezes, porém, manifesta-se uma concupiscência sexual, que procura a posse do outro e não o bem do outro. Cristo fala disto no Sermão da Montanha: "Ouviste que foi dito: Não cometerás adultério. Eu porém, digo-vos que todo aquele que olhar para uma mulher, desejando-a, já cometeu adultério com ela no seu coração" (Mt 5,28).

De cor, Cristo significa o lugar interior do homem onde a plenitude original em que ele foi criado foi palpável e ressoa. Este coração também ficou ferido quando Adão e Eva duvidaram do amor de Deus e cederam à sedução da serpente. Apesar da proibição, comiam da árvore do conhecimento do bem e do mal. A relação do homem com Deus foi danificada. Uma fenda apareceu na unidade físico-espiritual original do ser humano e no laço alegre do homem e da mulher. A confiança absoluta deu lugar à vergonha mútua. O risco de se tornarem um objeto de satisfação das necessidades sexuais um do outro surgiu. O homem perdeu a certeza de ser a imagem de Deus.

Mas Cristo conhece o desejo do homem e da mulher de preservar a dignidade da sua relação e de a preencher de amor. É por isso que não os acusa, mas apela ao seu ser mais íntimo, ao seu coração, para redescobrir a sua beleza original. João Paulo II explica aqui o significado profundo de Eros. Ele descreve-a como a força interior que atrai o homem para a verdade, bondade e beleza. Pois a paixão do desejo erótico não só proporciona prazer momentâneo, mas quer conduzir-nos para além de nós próprios, em direção a um antegosto do divino. Se, por outro lado, o Eros é reduzido à satisfação sexual superficial, precisa de ser purificado para que todo o nosso ser possa afirmar os valores que descobrimos nas profundezas do nosso coração. Quando a escolha da verdade, fidelidade, respeito e amor permeiam o Eros, a relação amadurece. O desejo de se entregarem uns aos outros é renovado. Descobrimos que renunciar ao olhar concupiscente responde verdadeiramente à nossa aspiração mais profunda. O amor torna possível o autocontrolo necessário para isso. De facto, é precisamente uma característica da pessoa que é mestre de si mesmo e não um brinquedo das suas próprias paixões. João Paulo II convida-nos vivamente a familiarizarmo-nos cada vez mais com o significado da sexualidade, examinando os impulsos do nosso coração e aprendendo a discerni-los a fim de chegarmos a um julgamento maduro.

Sobre a ressurreição e o celibato

Numa conversa com os saduceus - uma facção do judaísmo em Jerusalém - Cristo fala do ser humano após a morte. Sobre a ressurreição corporal diz: "Quando ressuscitarem dentre os mortos, nem casarão, nem se darão em casamento, mas serão como anjos nos céus" (Mc 12:25). Assim, ele indica que no mundo, no fim dos tempos, ser macho e fêmea assumirá um novo significado. Nós, seres humanos, participaremos na comunidade do amor de Deus de uma forma tão gratificante como não podemos sequer imaginar na Terra. Corpo e alma serão uma unidade perfeita. A relação com Deus tornar-nos-á livres de concupiscência possessiva e totalmente disponíveis para o bem. A pessoa inteira, e, portanto, também o seu corpo, será redimida.

João Paulo II explica melhor a virgindade consagrada, que Cristo apresenta aos apóstolos. Este celibato livremente escolhido "por amor reino dos céus" (Mt 19,12) é uma novidade em comparação com o Antigo Testamento que, tal como o casamento, é uma vocação dada por Deus. Quem o aceita livremente não questiona de forma alguma a bondade do casamento, mas entrega-se a Deus de uma forma totalmente direta. Esta rendição é entendida como uma renúncia, mas é afirmada por amor. Ambas as formas de vida têm o mesmo estatuto e enriquecem-se mutuamente na vida da comunidade cristã. O significado sponsal do corpo é a base do dom total da pessoa e da sua fecundidade, tanto no casamento como no celibato consagrado. A sua realização é diferente nas duas trajetórias profissionais. Aqueles que são celibatários vivem a sua paternidade ou maternidade espiritualmente. A sua devoção física toma a forma, por exemplo, de cuidar dos outros.

O sacramento do matrimônio: pacto e graça

Os sete sacramentos da Igreja são sinais visíveis da realidade invisível de Deus. São instituídos por Cristo e transmitidos pela Igreja. Eles trazem as graças a que apontam.

Na Carta aos Efésios, o casamento é descrito, por analogia, com o amor de Cristo pela sua Igreja. Uma passagem chave diz: "Sede submissos uns aos outros no temor de Cristo: As mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor [...] maridos, amai as vossas mulheres como também Cristo amou a Igreja: e por ela Se entregou" (Ef 5,21-25). João Paulo II sublinha os dois níveis de obediência: marido e mulher um para o outro, e ambos para Cristo. A fonte da obediência mútua é a reverência a Cristo; a sua expressão é o amor. Exclui qualquer tipo de submissão em que tanto o homem como a mulher possam tornar-se objeto de dependência unilateral.

A comparação do casamento com o amor de Cristo pela Igreja mostra-nos a sua natureza: corresponde à vocação dos cristãos quando reflete o amor que Cristo, como Esposo, dá à Igreja, sua Esposa, e que ela procura retribuir. Por ela, Cristo tomou sobre si a morte na cruz e entregou-se em amor sponsal e redentor por todos nós. O compromisso amoroso entre marido e mulher no casamento é um reflexo da doação de Cristo. O seu amor é livre, incondicional, vivificante e fiel. A partir deste amor podemos extrair alimento. Cristo fornece no casamento um sacramento de salvação, como expressão do pacto de Deus com o seu povo.

O sacramento do matrimônio: um sinal

O "sim" dos cônjuges, como sinal sacramental, só é completado pela sua união sexual. Para isso, Deus imprimiu a linguagem do corpo no coração e na carne humana. Esta língua é verdadeiramente "falada" quando os cônjuges expressam com os seus corpos o dar e receber conjugal que existia no início da criação. Somos repetidamente convidados a ler a linguagem do corpo na sua verdade, ou seja, a redescobri-la e aprofundá-la em gestos de ternura. Porque mostra o que se está a passar dentro da pessoa.

A canção bíblica canta o amor sexual. As imagens sensuais de aroma, mel e vinho permitem-nos experimentar a emocionalidade subjetiva da linguagem do corpo. Desejamos inalar o aroma, provar os alimentos e bebidas. A comparação com o "jardim fechado" (Canção 4,12) aponta para a inviolabilidade da dignidade da pessoa. As imagens falam de rendição e aceitação através do físico. O afeto desdobra-se em amor sensual, eros e ágape. O Eros está inquieto, procurando uma realização que não pode dar a si próprio. O Ágape responde. É altruísta e disposta a dar. Completa a eros. Ambos têm o seu lugar no casamento e salvam-no do amor sem eros e eros sem amor. Isto é exemplificado no livro de Tobit: Tobit e Sarah afirmam de forma impressionante o valor objetivo do amor e da fidelidade com a linguagem do corpo. Face a um julgamento que ameaça a vida, lutam pelo seu amor e confiam o seu casamento a Deus em oração. As suas palavras referem-se ao início da criação, pois Tobias e Sara desejam continuar a cadeia da história da salvação. Assim, o Cântico dos Cânticos e o Livro de Tobit falam, cada um à sua maneira, da vocação do homem à santidade, a uma vida de fidelidade a Deus.

O amor realiza-se nas tarefas quotidianas

João Paulo II desenvolve algumas das declarações sobre objetivos conjugais, regulação da fertilidade, paternidade responsável e vida espiritual dos cônjuges na encíclica *Humanae Vitae* 1968 de Paulo VI, e mostra como a experiência do amor humano descrita até agora é realizada na vida conjugal e familiar.

É precisamente aqui que precisamos de ouvir atentamente a linguagem do corpo. O ato conjugal "fala" de dois significados, nomeadamente a união amorosa dos cônjuges e a procriação dos filhos. Ambos os significados correspondem à natureza humana e estão inseparavelmente ligados. Eles fazem parte do plano de amor de Deus, e a Igreja está certa de que o bem do homem consiste na realização deste plano divino.

A fim de viver responsabilmente a paternidade, o casal deve considerar se deseja ter mais filhos, ponderando o seu próprio bem pessoal e o dos filhos, bem como o da família, da sociedade e da Igreja. Se não lhes parecer responsável, é em consonância com o diálogo do amor que, em harmonia com o ritmo natural da fertilidade, a conceção deve ser regulada.

A vida espiritual do casal deve ser fortalecida e desenvolvida com base no amor que o Espírito Santo derrama nos corações. Este amor apoia a capacidade do homem de usar reações sensuais e emocionais de tal forma que ele pode entregar-se completamente ao outro eu, com liberdade interior, como um presente.

Citações das catequeses traduzidas de acordo com:
www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/audiences.html